

INTRODUÇÃO AO GÊNERO DIDÁTICO

Ascraeumque cano Romana per oppida carmen (“canto o poema Ascreu pelas cidades romanas”, Verg.G.2.176)

1. Breve panorama de uma teoria da poesia didática

(componentes do subgênero)

“[A poesia didática] é apenas um caso particular do gênero descritivo, pois, nela, a descrição deve, ao mesmo tempo, representar, agradecer e instruir. A mimese do real se opera então com restrições que modificam as regras do verossímil e alteram as estruturas temáticas, semânticas e estilísticas. [...] Ora, os três preceitos genéricos (descrever, ensinar e agradecer) dão lugar a recorrências particularmente notáveis e fáceis de identificar na subvariante em que eu me fixei. Esse subgênero *descreve a Natureza como um todo inteligível e por isso mesmo admirável; e (ou) a Ciência reveladora dessa inteligibilidade, que, propondo à admiração do Homem as harmonias da Natureza, convida-o a tirar dela conclusões morais*. Precisemos. O objeto da descrição pode estar limitado a um reino da Natureza, ou a uma ciência, ou mesmo a uma técnica. A própria Ciência também é oferecida à admiração, como espetáculo edificante, aliás, mais que como disciplina: esse subgênero não ensina o leitor a se servir do instrumento, mas a se admirar com sua eficácia. Enfim, a inteligibilidade tem duas formas: sob sua forma positiva, ela é mostrada ou demonstrada; sob sua forma negativa, ela é representada como mistério, o qual pressupõe uma explicação latente.”¹

“Os componentes de sua definição, *Natureza, Ciência, Homem, Conclusão moral*, são suscetíveis de ser transcritos assim: *texto, meio de interpretação, intérprete, interpretação*. [...] Seu caráter diferencial é a transformação estrutural demandada pela intenção. A Natureza, em vez de ser a norma do real, definida por oposições como *natural ≠ sobrenatural, ordinário ≠ extraordinário, normal ≠ anormal*, etc., será representada no poema pela transformação dessas diferenças em equivalências: *Naturalia ≡ Mirabilia*.”²

(ilusão da realidade)

“[O] discurso didático deve ser ao mesmo tempo poético e imagem do discurso científico. É-lhe então necessário parecer-se suficientemente com seu modelo para o tornar reconhecível, ao mesmo tempo em que permanece sendo seu contrário. [...] [O]btém-se o discurso poético didático se nossa frase permanece gramatical no plano sintático, de modo que ainda se tem algo como uma geometria de relações rigorosas, enfim, um símbolo de explicação, de pensamento científico; e se o vocabulário é não-gramatical relativamente à sintaxe, de modo que a explicação ou a demonstração... deixa à imaginação o cuidado de sonhar a ciência. A não gramaticalidade é realizada por três modos: por significantes provados de seus significados, por uma sequência interrompida ou por metáfora. [...] Enquanto os dois primeiros tipos de representação são lineares, o terceiro se desenvolve em dois planos. A descrição se transforma em relato. Segue-se que o fenômeno descrito se torna sujeito de um verbo de movimento, de que resulta uma animação ou mesmo uma personificação. Ao encadeamento das causas e dos efeitos, substituem-se motivações psicológicas, e um desenlace toma o lugar da demonstração.”³

1.1. Teoria da poesia didática antes de Aristóteles

“Tanto quanto se possa falar em uma poética grega antes de Aristóteles, ela desconhecia o poema didático como gênero ou como forma poética específica. Obras didáticas eram classificadas como ἔπη. Homero, Hesíodo e os poemas cosmológicos dos pré-socráticos valiam como obras do mesmo tipo. Assim como a *Iliada* e a *Odisseia* permitiam oferecer ensinamentos narrativa ou representativamente, assim também o Περὶ φύσεως de Empédocles, embora em um outro domínio, também comunicava ‘conhecimento’ a respeito dos homens e do mundo. Uma primeira tentativa de diferenciação se desenha no *Teeteto* de Platão. Aqui Homero figura como poeta, e Empédocles na fileira dos sábios.

¹ M. RIFFATERRE. *Système d'un genre descriptif. Poétique*: revue de théorie et d'analyse littéraires, n. 9, 1972, p. 15-30, aqui p. 15-16, destacado pelo autor.

² IDEM, *Ibidem*, p. 17.

³ IDEM, *Ibidem*, p. 21 e 23.

Porém, a observação de Platão não suscitou considerações de teria literária. Tais reflexões não havia antes de Aristóteles.⁴

| | |
|--|--|
| | Ar.Ranae.1030-1036 |
| <p>Αἰσχύλος 1030 ταῦτα γὰρ ἄνδρας χρὴ ποιητὰς ἀσκεῖν. σκέψαι γὰρ ἀπ' ἀρχῆς ὡς ὠφέλιμοι τῶν ποιητῶν οἱ γενναῖοι γεγένηται. Ὀρφεὺς μὲν γὰρ τελετὰς θ' ἡμῖν κατέδειξε φόνων τ' ἀπέχεσθαι, Μουσαῖος δ' ἐξακέσεις τε νόσων καὶ χρησιμῶν, Ἡσίοδος δὲ γῆς ἐργασίας, καρπῶν ὥρας, ἀρότους; ὁ δὲ θεῖος Ὅμηρος 1035 ἀπὸ τοῦ τιμῆν καὶ κλέος ἔσχεν πλὴν τοῦδ' ὅτι χρηστ' ἐδίδαξεν, τάξεις ἀρετὰς ὀπλίσεις ἀνδρῶν;</p> | <p>Ésquilo Eis, com efeito, os temas que os poetas devem tratar. Repare: desde sempre têm se provado proveitosos os poetas que são de boa estirpe. Pois foi Orfeu quem ensinou os Mistérios e a se abster dos morticínios, Museu, a cura das enfermidades e as predições; ensina Hesíodo terras lavradas, estações dos frutos, aragens, e o divino Homero não teve honra e glória justamente porque ensinava o valoroso: formações, valentias e armamento dos homens? (trad. Tadeu Andrade, adaptado)</p> |

1.2. Aristóteles

1.2.1. A arte poética

| | |
|--|--|
| | Ar.Poet.6 |
| <p>[1449b] [...] ἔστιν οὖν τραγωδία μίμησις πράξεως σπουδαίας καὶ τελείας μέγεθος ἐχούσης [objeto], ἡδυσμένῳ λόγῳ χωρὶς ἐκάστω τῶν εἰδῶν ἐν τοῖς μορίοις [meio], δρώντων καὶ οὐ δι' ἀπαγγελίας [modo], δι' ἑλέου καὶ φόβου περαίνουσα τὴν τῶν τοιούτων παθημάτων κάθαρσιν [efeito].</p> | <p>Pois a tragédia é a mimese de uma ação séria, completa, dotada de [certa] magnitude, valendo-se de uma elocução ornada por meio de cada uma das formas [próprias], distintamente em cada uma das partes, fazendo [atuando], e não por meio de narrações, realizando, por meio da compaixão e do medo, a purificação dessas emoções.</p> |

| | |
|--|---|
| | Ar.Poet.1. |
| <p>[1447a] [...] ἡ δὲ [ἐποποιία] μόνον τοῖς λόγοις ψιλοῖς <καὶ> ἢ τοῖς [1447β] μέτροις καὶ τούτοις εἴτε μινύσα μετ' ἀλλήλων εἶθ' ἐνί τινι γένηι χρωμένη τῶν μέτρων ἀνόνημοι τυγχάνουσι μέχρι τοῦ νῦν: οὐδὲν γὰρ ἂν [10] ἔχοιμεν ὀνομάσαι κοινὸν τοὺς Σώφρονος καὶ Ξενάρχου μίμους καὶ τοὺς Σωκρατικοὺς λόγους οὐδὲ εἴ τις διὰ τριμέτρων ἢ ἐλεγείων ἢ τῶν ἄλλων τινῶν τῶν τοιούτων ποιοῖτο τὴν μίμησιν. πλὴν οἱ ἀνθρωποὶ γε συνάπτοντες τῷ μέτρῳ τὸ ποιεῖν ἐλεγειοποιούς τοὺς δὲ ἐποποιούς ὀνομάζουσιν, οὐχ ὡς [15] κατὰ τὴν μίμησιν ποιητὰς ἀλλὰ κοινῇ κατὰ τὸ μέτρον προσαγορεύοντες: καὶ γὰρ ἂν ἰατρικὸν ἢ φυσικὸν τι διὰ τῶν μέτρων ἐκφέρωσιν, οὕτω καλεῖν εἰώθασιν: οὐδὲν δὲ κοινόν ἐστιν Ὅμηρῳ καὶ Ἐμπεδοκλεῖ πλὴν τὸ μέτρον, διὸ τὸν μὲν ποιητὴν δίκαιον καλεῖν, τὸν δὲ φυσιολόγον μᾶλλον ἢ [20] ποιητὴν.</p> | <p>A arte que emprega apenas os discursos em prosa, desprovidos de acompanhamento, [1447b] ou os versos – estes que quer combinando as métricas entre si, quer utilizando um único gênero de métrica –, permanece, até o presente, anônima. De fato, não temos um nome comum para designar os mimos de Sófron [10] e de Xenarco, e os diálogos socráticos, quanto menos para designar a mimese elaborada por meio de trímetros, ou de versos elegíacos, ou de quaisquer outros do mesmo gênero. À exceção daqueles homens que relacionam a composição poética à métrica e assim nomeiam uns de poetas elegíacos, outros de poetas épicos, designando-os [15] pelo nome comum à métrica utilizada e não em função da mimese efetuada. De fato, tem-se o costume de nomear desse modo aqueles que expõem, por meio da métrica utilizada, uma questão médica ou científica; mas não há nada em comum entre Homero e Empédocles, exceto a métrica; eis por que designamos, com justiça, um de poeta, o outro de naturalista em vez de poeta. (Trad. Paulo Pinheiro)</p> |

⁴ B. FABIAN. Das Lehrgedicht als Problem der Poetik. In: H. R. JAUSS (ed.). *Die nicht mehr schönen Künste*. München: Wilhelm Fink, 1968, p. 67-89, aqui p. 69-70.

1.2.1. Outras obras

| | |
|--|--|
| | Ar.Met.1.4.984b23ss |
| <p>ὑποπεύσειε δ' ἄν τις Ἡσίοδον πρῶτον ζητῆσαι τὸ τοιοῦτον, κἄν εἴ τις ἄλλος ἔρωτα ἢ ἐπιθυμίαν ἐν τοῖς οὔσιν ἔθηκεν [25] ὡς ἀρχήν, οἷον καὶ Παρμενίδης; καὶ γὰρ οὗτος κατασκευάζων τὴν τοῦ παντὸς γένεσιν “πρώτιστον μὲν (φησιν) ἔρωτα θεῶν μητίσατο πάντων” (Parmenides, fr. 13, Diels), Ἡσίοδος δὲ “πάντων μὲν πρώτιστα χάος γένηται, αὐτὰρ ἔπειτα / γαῖ' εὐρύστερος... / ἢ δ' ἔρος, ὃς πάντεσσι μεταπρέπει ἀθανάτοισιν,” (Hes., Th. 116-20) ὡς δέον ἐν τοῖς [30] οὔσιν ὑπάρχειν τιν' αἰτίαν ἣτις κινήσει καὶ συνάξει τὰ πράγματα.</p> | <p>Todavía, poder-se-ia pensar que foi Hesíodo o primeiro a buscar uma causa desse tipo, ou qualquer outro que pôs como princípio dos seres o amor e o desejo, como o fez, por exemplo, Parmênides. Este, com efeito, ao reconstruir a origem do universo diz: “Primeiro entre todos os deuses <a Deusa> produziu o Amor”; enquanto Hesíodo diz: “Antes de tudo existiu o Caos, depois foi a terra do amplo ventre e o Amor que resplandece entre todos os imortais”, como se ambos reconhecessem que deve existir nos seres uma causa que move e reúne as coisas.</p> <p>(trad. Giovanni Reale)</p> |

“As evidências sugerem as seguintes conclusões hipotéticas. Aristóteles não apreciava Hesíodo como poeta. No entanto, ele reconhecia a importância histórica cultural das contribuições poéticas de Hesíodo. Aristóteles estava sobretudo interessado em Hesíodo como um *theologos* (cf. *Metafísica* 1000a9) e assim como um proto-filósofo. Correspondentemente, Aristóteles não estimava a contribuição intelectual de Hesíodo em si mesma, mas apreciou sua importância para o desenvolvimento do pensamento filosófico.”⁵

Cf. as referências a Hesíodo em: *Física* 208b29, 31; *Sobre o Céu* 298b28; *Metafísica* 984b28, 989a10, 1000a9; *Ética a Nicômaco* 1095b9; *Política* 1252b10, 1312b4; *Retórica* 1388a17.

| | |
|--|--|
| | Ar.Met.12.6.1071b27 |
| <p>καίτοι εἰ ὡς λέγουσιν οἱ θεολόγοι οἱ ἐκ νυκτὸς γεννῶντες, ἢ ὡς οἱ φυσικοὶ ὁμοῦ πάντα χρήματά φασι, τὸ αὐτὸ ἀδύνατον. πῶς γὰρ κινηθήσεται, εἰ μὴ ἔσται ἐνεργεῖα τι αἴτιον;</p> | <p>E mesmo que ocorresse o que dizem os teólogos, para os quais tudo deriva da noite, ou como dizem os físicos, que sustentam que “todas as coisas estavam juntas”, chegaríamos à mesma impossibilidade. Com efeito, como poderia produzir-se movimento se não existisse uma causa em ato?</p> <p>(trad. Giovanni Reale)</p> |

| | |
|--|---|
| | Ar.Met.12.10.1075b26 |
| <p>εἴ τε μὴ ἔσται παρὰ τὰ αἰσθητὰ ἄλλα, οὐκ ἔσται ἀρχὴ καὶ τάξις καὶ γένεσις καὶ τὰ οὐράνια, ἀλλ' αἰεὶ τῆς ἀρχῆς ἀρχή, ὥσπερ τοῖς θεολόγοις καὶ τοῖς φυσικοῖς πᾶσιν.</p> | <p>Se além das coisas sensíveis não existisse nada, nem sequer haveria um Princípio, nem ordem, nem geração, nem movimentos dos céus, mas deveria haver um princípio do princípio, como se vê nas doutrinas dos teólogos e de todos os físicos.</p> <p>(trad. Giovanni Reale)</p> |

| | |
|---|--|
| | (<i>De Poetis</i> , fr. 73 Janko) |
| <p>73 [...] ἐν δὲ τῷ Περὶ ποιητῶν φησὶν ὅτι καὶ Ὀμηρικὸς ὁ Ἐμπεδοκλῆς καὶ δεινὸς περὶ τὴν φράσιν γέγονε, μεταφορικὸς τ' ὢν καὶ τοῖς ἄλλοις τοῖς περὶ ποιητικὴν ἐπιτεύγμασι χρώμενος [...]</p> | <p>E, em <i>Sobre os poetas</i>, diz que Empédocles foi homérico e surpreendente no que diz respeito à sua expressão verbal, valendo-se de metáforas e usando dos demais [recursos] que são bem sucedidos na [arte] poética...</p> |

⁵ D. C. WOLFSDFORF. Hesiod from Aristotle to Posidonius. In: E. C. LONEY; S. SCULLY (ed.). *The Oxford Handbook of Hesiod*. Oxford: Oxford University Press, 2018, p. 343-361, aqui p. 345.

1.3. Teoria da poesia didática após Aristóteles (ou à margem dele)

| | |
|--|---|
| <p>Poematos genera sunt tria: aut enim actiuum est uel imitatuuum, quod Graeci δραματικόν uel μιμητικόν aut enarratiuum uel enuntiatiuum, quod Graeci ἐξηγητικόν uel ἀπαγγελτικόν dicunt, aut commune uel mixtum, quod Graeci κοινόν uel μικτόν appellant. δραματικόν est uel actiuum in quo personae agunt solae sine ullius poetae interlocutione, ut se habent tragicae et comicae fabulae (quo genere scripta est prima bucolicon et ea cuius initium est <i>Quo te, Moeri, pedes</i>); ἐξηγητικόν est uel enarratiuum in quo poeta ipse loquitur sine ullius personae interlocutione, ut se habent tres georgici et prima pars quarti, item Lucreti carmina et cetera his similia; κοινόν est uel commune in quo poeta ipse loquitur et personae loquentes introducuntur, ut est scripta Ilias et Odyssia tota Homeri et Aeneis Vergilii et cetera his similia. [...]</p> | <p>Diomedes.3.1.1-3</p> <p>Os gêneros de poema são três. Com efeito, o gênero é ativo ou imitativo, que os gregos chamam <i>dramatikón</i> ou <i>mimetikón</i>; narrativo ou enunciativo, que os gregos chamam <i>exegetikón</i> ou <i>apangeltikón</i>; comum ou misto, que os gregos chamam <i>koinón</i> ou <i>miktón</i>. É <i>dramatikón</i> ou ativo aquele em que atuam somente as personagens, sem interlocução de algum poeta, como ocorre nas fábulas trágicas e cômicas, gênero no qual foi escrita a primeira Bucólica [de Vergílio] e aquela cujo início é <i>quo te, Moeri, pedes?</i> [“Para onde, Meride, levam-te os pés?”]. É <i>exegetikón</i> ou narrativo aquele em que o próprio poeta fala, sem interlocução de alguma personagem, como ocorre nas três primeiras <i>Geórgicas</i> [de Vergílio] e na primeira parte da quarta, e igualmente nos cantos de Lucrécio e em outros semelhantes a estes. É <i>koinón</i> ou comum aquele em que o próprio poeta fala e as personagens são introduzidas falando, como foram escritas a <i>Iliada</i> e a <i>Odisséia</i> inteiras, de Homero, a <i>Eneida</i>, de Vergílio, e outros semelhantes a estes. [...]</p> |
| <p>Exegetici uel enarratiui species sunt tres: ἀγγελτική, ιστορική, διδασκαλική. ἀγγελτική est qua sententiae scribuntur, ut est Thegonidis liber, item chriae; ιστορική est qua narrationes et genealogiae componuntur, ut est Ἡσιόδου γυναικῶν κατάλογος et similia; διδασκαλική est qua comprehenditur philosophia, Empedoclis et Lucreti, item astrologia, ut phaenomena Ἀράτου et Ciceronis, et georgica Vergilii et his similia.</p> | <p>As espécies do [poema] <i>exegetikós</i> ou narrativo são três: <i>angeltiké</i> [enunciativa], <i>historiké</i> [histórica], <i>didaskaliké</i> [didática]. É <i>angeltiké</i> aquela em que se escrevem as máximas, como é o livro de Teógnides, e igualmente <i>khreía</i> [crestomatia]. É <i>historiké</i> aquela em que se compõem narrativas e genealogias, como é o <i>Gynaiikón katálogos</i> [Catálogo das mulheres] de Hesíodo e semelhantes. É <i>didaskaliké</i> aquela em que se inclui a filosofia de Empédocles e de Lucrécio, e igualmente a astrologia, como os Fenômenos de Arato e de Cícero, as <i>Geórgicas</i> de Vergílio e semelhantes a estes.</p> |

2. Um problema helenístico

“A poesia didática floresceu sobretudo no período helenístico, como consequência do debate erudito sobre a relação entre poesia e conhecimento. A experimentação com a forma e com o gênero, a busca por novo material literário e a reflexão cada vez mais consciente sobre o processo narrativo se mostraram decisivos para que os autores helenísticos se voltassem para a poesia didática.”⁶

“No século IV, a produção de poesia didática declinou, bem como aquela de poesia filosófica com intenção didática séria. Não se pode esquecer que Aristóteles foi o primeiro a apontar a diferença entre épica narrativa e épica de conteúdo (*Sachepik*), assim como ele esteve entre os primeiros pensadores a possuir uma consciência dos gêneros e de suas classificações. Assim, no período helenístico, foi a virada neotérica na cultura e na estética que deu o ímpeto decisivo para a literatura didática em seus sentidos lato e estrito. A enquadramento mais amplo em que isso ocorreu é bem conhecido. O ambiente cultural do *Museion* ptolemaico forneceu um espaço em que a erudição e/ou a ciência (talvez mais bem descrita pelo termo latino *doctrina*) podiam se fundir com a poesia. A própria existência do *poeta doctus* pressupõe que haja um público educado e um conceito desenvolvido daquilo que a intenção de instruir acarreta. Nessa época, ocorreu que o conhecimento atingiu o estatuto de ciência, a qual, contudo, não é diferenciada da literatura, mas considerada como uma parte dela. Como resultado, o destinatário arcaico, que aparecia como ignorante ou simplesmente

⁶ E. SISTAKOU. 4. Hexametrische Lehrdichtung. In: B. Zimmermann; A. RENGAKOS (ed.). *Handbuch der griechischen Literatur der Antike*: Zweiter Band, die Literatur der klassischen und hellenistischen Zeit. München: C. H. Beck, 2014, p. 115-140, aqui p. 116.

toló, é substituído por um leitor educado. Isso explica por que conteúdo e tom ético e religioso são abandonados em favor de uma instrução erudita ou do sensacionalismo.”⁷

2.1. A virada de Arato de Soles

(estrutura)

1-18 (proêmio); 19-461 (as constelações e suas órbitas no céu); 462-757 (o nascimento e o ocaso das estrelas); 758-777 (segundo proêmio); 778-1141 (os sinais meteorológicos); 1141-1154 (conclusão).

(primeiro poema didático)

“Embora os Fenômenos sejam o mais antigo ‘poema didático’ que chegou até nós, ainda que certamente não tenha sido o primeiro da Antiguidade, ele toma como seu próprio modelo *Os Trabalhos e os Dias*, do poeta beócio Hesíodo (que deve datar provavelmente do final do oitavo século ou início do sétimo). Esse poema admirável, que combina relatos míticos de como o mundo veio a ser como é – e em particular porque devemos trabalhar para viver e nos comportarmos com justiça uns para com os outros – com um tipo de “calendário de lavradores” que descreve o ano agrícola, também teve enorme influência na tradição didática posterior, e é visto por poetas como o Virgílio das *Geórgicas* como o precursor desse tipo de poesia. Para Arato e seus contemporâneos, entretanto, não havia nenhum outro poema grego arcaico como *Os Trabalhos e os Dias*, de modo que os estudiosos modernos estão essencialmente corretos em remeter as origens do gênero da poesia didática mais às imitações de Hesíodo do que a Hesíodo ele mesmo.”⁸

(calimaquianismo)

“O artigo da *Suda* nomeia Arato como poeta épico (ἐποποιός). Como seu maior produto, figura o poema hexamétrico *Phainomena*, a respeito dos astros e fenômenos celestres. Como essa obra, Arato marca um ponto de virada na literatura doutra, sobretudo porque ele transpôs a poesia de matéria (*Fachdichtung*) para aquele tipo de poesia refinada que Calímaco louvou a respeito dele e que muitos poetas antigos tomaram como modelo.”⁹

“As constelações são descritas com intensidade dramática e elevação, enquanto as cenas de trabalho no campo e náuticas são cheias de detalhe pitoresco e de imagens vívidas. O equilíbrio entre o científico, o mítico e o descritivo cria um efeito colorido e variado, pelo qual Arato se tornou legendário.”¹⁰

| | |
|--|---|
| | CAL.Ep.27 |
| Ἡσιόδου τό τ' ἄεισμα καὶ ὁ τρόπος: οὐ τὸν αἰοδόν ἔσχατον, ἀλλ' ὀκνέω μὴ τὸ μελιχρότατον τῶν ἐπέων ὁ Σολεὺς ἀπεμάξατο: χαίρετε λεπταὶ ρήσιες, Ἀρήτου σύμβολον ἀγρυπνίης. | A poesia e a maneira de Hesíodo: não no último aedo, mas o [poeta] de Soles, eu ousou dizer, modelou-se no mais melífluo dos <i>épea</i> [ou: não em todo o aedo, mas nas mais melífluas palavras]. Salve, ditos ligeiros, marca do insone Arato! |

| | |
|--|--|
| | Ar.Phain.783-787 |
| λεπτὴ μὲν καθαρὴ τε περὶ τρίτον ἡμῶν ἐοῦσα εὐδιός κ' εἶη: λεπτή δὲ καὶ εὖ μάλ' ἐρευθής 785 πνευματὴ: <u>παχίον</u> δὲ καὶ ἀμβλείησι κερααίαις τέτρατον ἐκ τριτάτῳ φῶος ἀμηνήνον ἔχουσα ἢ νότῳ ἄμβλυνται ἢ ὕδατος ἐγγὺς ἐόντος. | Delicada e imaculada ao terceiro dia estando, bonança haverá; delicada, mas de acentuado rubor, é arauto de ventos; por fim, mais espessa e com os cornos menos nítidos no quarto dia, exibindo desde o terceiro luz evanescente, perde a nitidez por obra do Noto ou de chuva que se avizinha. (trad. André Luiz Cruz Sousa) |

⁷ IDEM, *Ibidem*, p. 124.

⁸ R. HUNTER. Prefácio. *Cadernos de Tradução* (Porto Alegre), n. 38, 2016, p. 10.

⁹ IDEM, *Ibidem*, p. 127.

¹⁰ IDEM, *Ibidem*, p. 131.

| | |
|--|--|
| <p>Οὐδ' ἄρα Κηφῆος μογερὸν γένος Ἰασίδαο 180 αὐτως ἄρρητον κατακείσεται: ἀλλ' ἄρα καὶ τῶν οὐρανὸν εἰς ὄνομ' ἦλθεν, ἐπεὶ Διὸς ἐγγύθεν ἦσαν.</p> | <p>Ar.Phain.179-181 Certamente, a infeliz família de Cefeu, filho de Jásida, de maneira alguma ficará sem menção, mas também seus nomes chegaram ao céu, visto que eram próximos de Zeus. (trad. Filipe Klein de Oliveira)</p> |
| <p>οὐδ' ὃ γε τετράπους ἐστίν: ἀπ' ὀμφαλίῳ γὰρ ἄκρου 215 μεσσοθέν ἡμιτελὴς περιτέλλεται ἱερὸς Ἴππος. κεῖνον δὴ καὶ φασὶ καθ' ὑψηλοῦ Ἑλικῶνος καλὸν ὕδωρ ἀγαγεῖν εὐαλδέος Ἴππουκρήνης. οὐ γὰρ πω Ἑλικῶν ἄκρος κατελείβετο πηγαῖς, ἀλλ' Ἴππος μιν ἔτυψε: τὸ δ' ἀθρόον αὐτόθεν ὕδωρ 220 ἐξέχυτο πληγῇ προτέρου ποδός: οἱ δὲ νομῆες πρῶτοι κεῖνο ποτὸν διεφήμεσαν Ἴππουκρήνην. ἀλλὰ τὸ μὲν πέτρης ἀπολείβεται, οὐδέ ποτ' αὐτὸ Θεσπιδέων ἀνδρῶν ἐκάς ὄψεται: αὐτὰρ ὁ Ἴππος ἐν Διὸς εἰλεῖται καὶ τοι πάρα θηήσασθαι.</p> | <p>Ar.Phain.214-224 Mas ele não é quadrúpede: pois exatamente no meio de seu umbigo o sagrado cavalo aparece pela metade. Dizem que do alto do Hélicon ele trouxe a boa água da fertilizante Hipocrene. Pois o alto do Hélicon ainda não jorrava por fontes, mas o Cavalo o coiceou e, desse mesmo lugar, a incessante água jorrou com o golpe da pata dianteira; e os pastores foram os primeiros a chamar aquela nascente Hipocrene. E a água escorre da pedra, e tu não a verás longe dos homens de Téspias; mas o Cavalo revolve no reino de Zeus, e lá podes contemplá-lo. (trad. Filipe Klein de Oliveira)</p> |
| <p>ἢ δὲ Κυνὸς μέγαλοιο κατ' οὐρὴν ἔλκεται ἀργῶ πρυμνόθεν: οὐ γὰρ τῇ γε κατὰ χρέος εἰσὶ κέλευθοι, ἀλλ' ὄπιθεν φέρεται τετραμμένη, οἷα καὶ αὐταὶ 345 νῆες, ὅτ' ἦδη ναῦται ἐπιστρέψωσι κορώνην ὄρμον ἐσερχόμενοι: τὴν δ' αὐτίκα πᾶς ἀνακόπτει νῆα, παλιρροθὴ δὲ καθάπτεται ἠπέριοιο: ὥς ἦ γε πρύμνηθεν Ἴησονις ἔλκεται Ἀργῶ. καὶ τὰ μὲν ἠερίη καὶ ἀνάστερος ἄχρι παρ' αὐτὸν 350 ἰστὸν ἀπὸ πρῶρης φέρεται, τὰ δὲ πᾶσα φαεινὴ. καὶ οἱ πηδάλιον κεχαλασμένον ἐστήρικται ποσσὶν ὑπ' οὐραίοισι Κυνὸς προπάροιθεν ἰόντος.</p> | <p>Ar.Phain.342-352 Perto da cauda do grande Cão, arrasta-se Argo, de popa, pois para ela os caminhos não são de acordo com a obrigação, mas segue para trás, como as próprias naus quando os marinheiros voltam a popa, ao entrar no ancoradouro: de imediato cada um faz retroceder a nau, que refluyente se atraca à terra firme. Dessa maneira, arrasta-se de popa a Argo de Jasão. Rarefeita e sem estrelas ao longo do próprio extremo mastro desde a proa, ela segue; de resto, é toda brilhante. Seu leme, solto, está afixado às patas traseiras do Cão, que vai à frente. (trad. C. Leonardo B. Antunes)</p> |
| <p>οὐδὲ μὲν, Ἀνδρομέδης καὶ Κήτεος ὅσος' ἐλέλειπτο, κεῖνον ἔτ' ἀντέλλοντος ἀπευθέες, ἀλλ' ἄρα καὶ τοὶ πανσυδίη φεύγουσιν. ὁ δὲ ζώνη τότε Κηφεύς 650 γαῖαν ἐπιξύει, τὰ μὲν ἐς κεφαλὴν μάλα πάντα βάπτων ὠκεανοῖο, τὰ δ' οὐ θέμις, ἀλλὰ τὰ γ' αὐταὶ ἄρκτοι κωλύουσι, πόδας καὶ γούνα καὶ ἰζύν. ἢ δὲ καὶ αὐτὴ παιδὸς ἐπέιγεται εἰδώλοιο</p> | <p>Ar.Phain.647-658 O quanto <de estrelas> de Andrômenada e da Baleia havia restado não é ignorado enquanto aquele ainda se levanta, mas elas também fogem completamente. Nesse momento, Cefeu com sua cintura roça a Terra, afundando no Oceano todas as estrelas da cabeça; mas as demais – pés, joelho, quadril – não lhe é permitido <afundar>, pois as próprias Ursas o impedem. E se apressa atrás da imagem de sua filha ela mesma,</p> |

| | |
|--|---|
| <p>δειλὴ Κασσιόπεια. τὰ δ' οὐκέτι οἱ κατὰ κόσμον 655 φαίνεται ἐκ δίφροιο, πόδες καὶ γούναθ' ὑπερθεν, ἀλλ' ἢ γ' ἐς κεφαλὴν ἴση δύετ' ἀρνευτῆρι μειρομένη γονάτων, ἐπεὶ οὐκ ἄρ' ἔμελλεν ἐκείνη Δωρίδι καὶ Πανόπῃ μεγάλων ἄτερ ισώσασθαι.</p> | <p>a infeliz Cassiopeia; porém não mais com decoro suas partes aparecem fora do trono, os pés e os joelhos apontam para cima, mas, igual a uma acrobata, ela mergulha de cabeça, com seu quinhão se sofrimentos, pois não havia ela de ser comparada a Dóris e Pánope sem maiores consequências. (trad. Inara Zanuzzi)</p> |
|--|---|

3. A épica e o sublime

3.1. Pseudo-Longino

3.1.1. O que é o sublime?

| | |
|---|---|
| <p>φύσει γὰρ πως ὑπὸ τάληθοῦς ὕψους ἐπαίρεται τε ἡμῶν ἢ ψυχὴ καὶ γαῦρόν τι ἀνάστημα λαμβάνουσα πληροῦται χαρᾶς καὶ μεγαλαυχίας, ὡς αὐτὴ γεννήσασα ὅπερ ἦκουσεν.</p> | <p>Long.Subl.7.2 De fato, o que está de acordo com a natureza é que, sob o efeito do verdadeiro sublime, a nossa alma se eleva e, adquirindo uma espécie de esplêndida altivez, se encha de prazer e de exaltação, como se ela mesma tivesse criado o que ouviu. (trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas)</p> |
|---|---|

| | |
|--|---|
| <p>[...] τοῦτο γὰρ τῶ ὄντι μέγα, οὗ πολλὴ μὲν ἢ ἀναθεώρησις, δύσκολος δέ, μᾶλλον δ' ἀδύνατος ἢ κατεξανάστασις, ἰσχυρὰ δὲ ἢ μνήμη καὶ δυσεξάλειπτος</p> | <p>Long.Subl.7.3 Verdadeiramente grande é aquilo que suporta reflexão continuada, aquilo a que é difícil, ou melhor, impossível resistir, que permanece e não se apaga da memória. (trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas)</p> |
|--|---|

| | |
|---|---|
| <p>[...] γέγραφέα που καὶ ἐτέρωθι τὸ τοιοῦτον: ὕψος μεγαλοφροσύνης ἀπήχημα. ὅθεν καὶ φωνῆς δίχα θαυμάζεται ποτε ψιλὴ καθ' ἑαυτὴν ἢ ἔννοια δι' αὐτὸ τὸ μεγαλόφρον...</p> | <p>Long.Subl.9.2 Escrevi algures o seguinte: “o sublime é o eco de uma grandeza de ânimo”. É por isso que, mesmo sem palavras, um pensamento nu pode ser admirado por si só... (trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas, adaptada)</p> |
|---|---|

| | |
|---|---|
| <p>[...] ἐνταῦθ' ὁ ποιητὴς αὐτὸς εἶδεν Ἐρινύας: ὃ δὲ ἐφαντάσθη, μικροῦ δεῖν θεάσασθαι καὶ τοὺς ἀκούοντας ἠνάγκασεν.</p> | <p>Long.Subl.15.2 [...] Aqui o próprio poeta viu as Erinias. E aquilo que ele imaginou quase obrigou também os ouvintes a vê-lo. (trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas)</p> |
|---|---|

| | |
|--|---|
| <p>Τοσαῦτα περὶ τῶν κατὰ τὰς νοήσεις ὑψηλῶν καὶ ὑπὸ μεγαλοφροσύνης μιμήσεως ἢ φαντασίας ἀπογεννωμένων ἀρκέσει.</p> | <p>Long.Subl.15.12 Sobre a sublimidade de pensamentos que resulta da grandeza de ânimo, mediante imitação ou imaginação, isso será suficiente. (trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas, adaptada)</p> |
|--|---|

Cf., ainda: 1.3; 1.4; 8.1; 8.4; 11.2; 12.1; 301; 35.2; 36.1.

“[E]sse conceito [o sublime] implica antes uma espécie de processo dialético entre obra literária e público, entre a potência expressiva do texto e o modo em que seus possíveis significados ressoam na mente do destinatário [...] Poder-

se-ia dizer que um único pensamento é um momento em que um certo tipo de consciência intensificada [consapevolezza potenziata] se cristaliza na linguagem de um texto e, em paralelo, fixa-se na mente de um leitor.”¹¹

“No tratado, o sublime é, por si mesmo, uma qualidade que requer uma espécie de ressonância intersubjetiva entre a mente do escritor, tal como se concretiza na língua, e a mente do ouvinte ou leitor.”¹²

*

“Em certo sentido, o ouvinte do discurso sublime é não tanto o destinatário de um texto ‘grande’ (de uma escrita alta e de uma poesia forte) quanto antes ele mesmo produtor de sublimidade: é ele, com efeito, que o texto chama a deixar aflorar o próprio *pathos*. [...] Compreende-se bem o sublime quando se o desloca, quanto ao lugar de ação, do objeto ao sujeito, do texto ao leitor. Diante do sublime, o leitor toma a si mesmo como texto e depois se serve do texto escrito que tem diante de si como comentário ao próprio eu, às próprias emoções despertadas pela leitura, pela exaltação que ela produz. A leitura se torna, assim, reconhecimento de uma verdade que o destinatário encontra em si mesmo, como o emergir de uma sensação profunda ou de uma experiência latente, que o próprio destinatário produz.”¹³

“Programação da forma do texto e programação da forma do destinatário convergem em uma única instância literária.”¹⁴

3.1.2. Sublime e didática

| | Long.Subl.1.4 |
|---|--|
| οὐ γὰρ εἰς πειθῶ τοὺς ἀκροωμένους ἀλλ' εἰς ἔκστασιν ἄγει τὰ ὑπερφῶ: πάντη δέ γε σὺν ἐκπλήξει τοῦ πιθανοῦ καὶ τοῦ πρὸς χάριν αἰεὶ κρατεῖ τὸ θαυμάσιον, εἶγε τὸ μὲν πιθανὸν ὡς τὰ πολλὰ ἐφ' ἡμῖν, ταῦτα δὲ δυναστείαν καὶ βίαν ἄμαχον προσφέροντα παντὸς ἐπάνω τοῦ ἀκροωμένου καθίσταται. καὶ τὴν μὲν ἐμπειρίαν τῆς εὐρέσεως καὶ τὴν τῶν πραγμάτων τάξιν καὶ οἰκονομίαν οὐκ ἐξ ἑνὸς οὐδ' ἐκ δυεῖν, ἐκ δὲ τοῦ ὅλου τῶν λόγων ὕφους μόλις ἐκφαινομένην ὀρῶμεν, ὕψος δέ που καιρίως ἐξενεχθὲν τὰ τε πράγματα δίκην σκηπτοῦ πάντα διεφόρησεν καὶ τὴν τοῦ ῥήτορος εὐθύς ἀθρόαν ἐνεδείξατο δύναμιν. | O sublime não leva os ouvintes à persuasão, mas ao êxtase; e o maravilhoso, quando acompanhado de assombro, prevalece sempre sobre o que se destina a persuadir e a agradar; pois se, em geral, a persuasão depende de nós, o sublime impõe-se com força irresistível e fica acima de qualquer ouvinte. E enquanto a mestria na invenção, a disposição e o arranjo do material não saltam à vista facilmente ao fim de um ou dois passos mas no conjunto da obra, o sublime produzido no momento certo, faz tudo em pedaços como um raio e, num instante, mostra toda a força do orador. (trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas, adaptada) |

“Vate menor, Virgílio tem consciência de que Lucrécio refundou, para além da preciosa poesia didascálica alexandrina, a própria intenção do gênero que se denomina ‘poesia didática’: ele vai além de Lucrécio, no sentido de que continua seu exemplo em outro campo, mas, ao mesmo tempo, dá um passo atrás e propõe um conhecimento menos cósmico e mais cotidiano. [...] Está aqui a problemática intrínseca do projeto vergiliano das *Geórgicas*, uma poesia que aspira à seriedade lucreciana ao mesmo tempo em que se mede com uma matéria de nível inferior. [...] O problema do Vergílio geórgico, êmulo de Lucrécio, não é mais mostrar e descrever algo que seja intrinsecamente maravilhoso e inquietante, mas fazer descobrir como objeto de maravilhamento aquilo que já se possui: até o humilde trabalho dos campo, inclusive a vida das abelhas microscópicas, torna-se em espetáculo admirável mas também em ensino ético, digno também de consideração.”¹⁵

“A majestade da natureza atrai e afasta, o sublime eleva com força educativa a mente para acima da mediocridade humana e desenvolve no observador a consciência de uma desproporção que requer adequação. O leitor (o espectador)

¹¹ S. HALLIWELL. Introduzione. In: S. HALLIWELL (ed., notas). *Sul sublime*. Trad. Laura Lulli. Milano: Mondadori/Fondazione Lorenzo Valla, 2021, p. ciii-civ.

¹² IDEM, *Ibidem*, p. cxv.

¹³ G. B. CONTE. Insegnamenti per un lettore sublime: forma del testo e forma del destinatario nel *De rerum natura* di Lucrezio [1990]. In: IDEM. *Generi e lettori*: Lucrezio, l'elegia d'amore, l'enciclopedia di Plinio [1991]. Pisa: Edizioni della Normale, 2012, p. 11-44, aqui p. 24-25.

¹⁴ IDEM, *Ibidem*, p. 27.

¹⁵ IDEM, *Ibidem*, p. 15-16.

sublime sente que o limite de suas forças inertes e passivas se supera superando o incômodo da inferioridade, tentado adequar sua própria consciência a uma grandeza que transcende a experiência passiva.”¹⁶

3.1.3. As cinco principais fontes do sublime

| | |
|---|---|
| | Long.Subl.8.1 |
| Ἐπεὶ δὲ πέντε, ὡς ἂν εἴποι τις, πηγαί τινές εἰσιν αἱ τῆς ὑψηγορίας γονιμώταται, προὔποκειμένης ὥσπερ ἐδάφους τινὸς κοινοῦ ταῖς πέντε ταύταις ιδέαις τῆς ἐν τῷ λέγειν δυνάμεως, ἧς ὅλως χωρὶς οὐδέν, πρῶτον μὲν καὶ κράτιστον τὸ περὶ τὰς νοήσεις ἀδρεπήβολον , ὡς κἂν τοῖς περὶ Ξενοφῶντος ὠρισάμεθα: δεῦτερον δὲ τὸ σφοδρὸν καὶ ἐνθουσιαστικὸν πάθος: ἀλλ’ αἱ μὲν δύο αὗται τοῦ ὕψους κατὰ τὸ πλεον αὐθιγενεῖς συστάσεις, αἱ λοιπαὶ δ’ ἤδη καὶ διὰ τέχνης, ἧ τε ποιὰ τῶν σχημάτων πλάσις ‘δισσὰ δέ που ταῦτα τὰ μὲν νοήσεως, θάτερα δὲ λέξεως’, ἐπὶ δὲ τούτοις ἡ γενναία φράσις, ἧς μέρη πάλιν ὀνομάτων τε ἐκλογή καὶ ἡ τροπικὴ καὶ πεποιημένη λέξις: πέμπτη δὲ μεγέθους αἰτία καὶ συγκλείουσα τὰ πρὸ ἑαυτῆς ἅπαντα, ἡ ἐν ἀξιώματι καὶ διάρσει σύνθεσις | Cinco são, por assim dizer, as fontes mais capazes de produzir discursos sublimes, embora antes delas e servindo de fundamento comum a todas esteja a capacidade de expressão, sem a qual nada valem. A primeira e mais importante é a capacidade de conceber pensamentos elevados, tal como a defini nos escritos sobre Xenofonte. A segunda é uma emoção forte e cheia de entusiasmo. Estes dois elementos do sublime são, em geral, inatos, mas os restantes resultam também da arte: uma certa forma de construção de figuras – que podem ser de pensamento e de linguagem –; uma forma de expressão nobre, que inclui a escolha dos vocábulos, o uso de tropos e uma linguagem elaborada; a quinta causa de grandeza e que engloba as anteriores é uma composição digna e elevada. (trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas) |

| | |
|--|--|
| naturais: | |
| primeira fonte: ideias | 9-15 |
| 9 | grandeza de ânimo |
| 10 | escolha e combinação das ideias (expressão mimética) |
| 11-12 | amplificação (extensão ≈ amplificação; intensão ≈ sublime) |
| 13-14 | imitação (um dos meios: artístico) |
| 15 | φαντασία (um dos meios: natural) |
| segunda fonte: emoções | [9: tratamento em outra obra] |
| técnicas: | |
| terceira fonte: figuras retóricas | 16-29 |
| quarta fonte: elocução (φράσις, especificamente ὀνομάτων ἐκλογή) | 30-39 |
| quinta fonte: disposição das palavras (σύνθεσις, ἁρμονία) | 39-43 |

3.1.4. Uma crítica do alexandrinismo

| | |
|--|---|
| | Long.Subl.33.4-5 |
| [...] οὐδὲν ἦττον οἶμαι τὰς μείζονας ἀρετάς, εἰ καὶ μὴ ἐν πᾶσι διομαλίζοιεν, τὴν τοῦ πρωτείου ψῆφον μᾶλλον αἰε φέρεσθαι, κἂν εἰ μὴ δι’ ἐνὸς ἑτέρου, τῆς μεγαλοφροσύνης αὐτῆς ἕνεκα: ἐπείτοιγε καὶ ἄπρωτος ὁ Ἀπολλώνιος ἐν τοῖς Ἀργοναύταις ποιητῆς κἂν τοῖς βουκολικοῖς πλὴν ὀλίγων τῶν ἔξωθεν ὁ Θεόκριτος ἐπιτυχέστατος, ἃρ’ οὖν Ὅμηρος ἂν μᾶλλον ἢ Ἀπολλώνιος ἐθέλοις γενέσθαι; [5] τί δέ; Ἐρατοσθένης ἐν τῇ Ἡριγόνῃ ‘διὰ πάντων γὰρ ἀμώμητον τὸ ποιημάτιον Ἀρχιλόγου πολλὰ καὶ ἀνοικονόμητα | Penso, porém, que as melhores qualidades, ainda que não se verifiquem sempre, são as que de preferência devem levar o primeiro prêmio, se por nenhuma outra razão, ao menos por revelarem grandeza interior. Realmente o poeta Apolônio é impecável no poema dos Argonautas e Teócrito, nas <i>Bucólicas</i> , à exceção de alguns passos que fogem ao assunto, é extremamente feliz. Mas por isso gostarias mais de ser Apolônio do que Homero? 5. E Eratóstenes na Erigone – um pequeno poema que não |

¹⁶ IDEM, *Ibidem*, p. 28.

| | |
|--|--|
| <p>παρασύροντος, κάκεινης τῆς ἐκβολῆς τοῦ δαιμονίου πνεύματος, ἦν ὑπὸ νόμον τάξει δύσκολον, ἄρα δὴ μείζων ποιητής; τί δ' ; ἐν μέλεσι μᾶλλον ἂν εἶναι Βακχυλίδης ἔλοιο ἢ Πίνδαρος καὶ ἐν τραγωδίᾳ Ἴων ὁ Χῖος ἢ νῆ Δία Σοφοκλῆς; ἐπειδὴ οἱ μὲν ἀδιάπτωτοι καὶ ἐν τῷ γλαφυρῷ πάντῃ κεκαλλιγραφημένοι: ὁ δὲ Πίνδαρος καὶ ὁ Σοφοκλῆς ὅτε μὲν οἶον πάντα ἐπιφλέγουσι τῇ φορᾷ, σβέννυνται δ' ἀλόγως πολλάκις, καὶ πίπτουσιν ἀτυχέστατα. ἢ οὐδεις ἂν εὖ φρονῶν ἐνὸς δράματος, τοῦ Οἰδίποδος, εἰς ταῦτ' οὐ συνθεῖς τὰ Ἴωνος ἀντιτιμῆσαιτο ἐξῆς;</p> | <p>merece censura do princípio ao fim – é melhor poeta do que Arquíloco que leva tudo à frente naquela corrente de inspiração divina difícil de sujeitar a regras? E na lírica, preferias ser Baquíledes ou Píndaro? E na tragédia, Íon de Quios ou Sófocles, por Zeus? Aqueles são, de facto, infalíveis e escrevem sempre com beleza no estilo elegante, enquanto Píndaro e Sófocles às vezes incendeiam tudo com o seu impulso, mas muitas vezes se deixam extinguir sem razão e caem de forma muito infeliz. Todavia, ninguém em seu perfeito juízo daria mais valor à obra toda de Íon do que a uma só peça de Sófocles – o Édipo. (trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas)</p> |
|--|--|

| | |
|--|--|
| <p>[2] τί ποτ' οὖν εἶδον οἱ ἰσόθεοι ἐκεῖνοι καὶ τῶν μεγίστων ἐπορεξάμενοι τῆς συγγραφῆς, τῆς δ' ἐν ἅπασιν ἀκριβείας ὑπερφρονήσαντες; πρὸς πολλοῖς ἄλλοις ἐκεῖνο, ὅτι ἡ φύσις οὐ ταπεινὸν ἡμᾶς ζῶον οὐδ' ἀγεννῆς ἔκρινε τὸν ἄνθρωπον, ἀλλ' ὡς εἰς μεγάλην τινὰ πανήγυριν εἰς τὸν βίον καὶ εἰς τὸν σύμπαντα κόσμον ἐπάγουσα, θεατὰς τινὰς τῶν ὄλων αὐτῆς ἐσομένους καὶ φιλοτιμοτάτους ἀγωνιστάς, εὐθύς ἄμαχον ἔρωτα ἐνέφυσεν ἡμῶν ταῖς ψυχαῖς παντὸς ἀεὶ τοῦ μεγάλου καὶ ὡς πρὸς ἡμᾶς δαιμονιωτέρου. [3] διόπερ τῇ θεωρίᾳ καὶ διανοίᾳ τῆς ἀνθρωπίνης ἐπιβολῆς οὐδ' ὁ σύμπας κόσμος ἀρκεῖ, ἀλλὰ καὶ τοὺς τοῦ περιέχοντος πολλάκις ὄρους ἐκβαίνουσιν αἱ ἐπίνοιαι, καὶ εἴ τις περιβλέψαιτο ἐν κύκλῳ τὸν βίον, ὅσῳ πλέον ἔχει τὸ περιττὸν ἐν πᾶσι καὶ μέγα καὶ καλόν, ταχέως εἴσεται, πρὸς ἃ γεγόναμεν. [4] ἐνθεν φυσικῶς πως ἀγόμενοι μὰ Δῖ' οὐ τὰ μικρὰ ρεῖθρα θαυμάζομεν, εἰ καὶ διαυγῆ καὶ χρήσιμα, ἀλλὰ τὸν Νεῖλον καὶ Ἴστρον ἢ Ῥῆνον, πολὺ δ' ἔτι μᾶλλον τὸν Ὠκεανόν: οὐδέ γε τὸ ὑφ' ἡμῶν τουτὶ φλογίον ἀνακαιόμενον, ἐπεὶ καθαρὸν σῶζει τὸ φέγγος, ἐκπληττόμεθα τῶν οὐρανίων μᾶλλον, καίτοι πολλάκις ἐπισκοτούμενων, οὐδὲ τῶν τῆς Αἴτνης κρατήρων ἀξιοθαυμαστότερον νομίζομεν, ἧς αἱ ἀναχοαὶ πέτρους τε ἐκ βυθοῦ καὶ ὄλους ὄχθους ἀναφέρουσι καὶ ποταμοὺς ἐνίοτε τοῦ γηγενοῦς ἐκεῖνου καὶ αὐτοῦ μόνου προχέουσιν πυρός.</p> | <p>Long.Subl.35.2-4 2. Que terão, pois, visto estes homens semelhantes a deuses que, mesmo tendo desprezado o rigor absoluto, alcançaram o primeiro lugar na escrita? Além de muitas outras coisas, viram que a natureza não nos fez criaturas baixas e ignóbeis, mas nos trouxe à vida e ao universo inteiro como se fosse a um grande festival, para sermos espectadores das competições e participantes desejosos de alcançar o prêmio. E implantou nas nossas almas uma paixão irresistível por tudo o que é sempre grande e mais divino do que nós. 3. Por isso, o universo inteiro não é suficiente para a medida da contemplação e do pensamento humanos, mas muitas vezes os nossos pensamentos saem dos limites daquilo que nos rodeia; e se alguém pudesse observar a vida de todos os ângulos depressa saberia quanto mais vale em tudo o que é extraordinário, o que é grande, o que é belo, e saberia para que fim nascemos. 4. Daí que, levados por uma espécie de instinto natural, não nos espantemos – por Zeus! – diante dos pequenos rios, ainda que sejam cristalinos e nos sejam úteis, mas diante do Nilo, do Danúbio ou do Reno e muito mais ainda do Oceano. E não ficamos assombrados com a pequena chama que acendemos, ainda que a sua luz se mantenha pura, mas com as do céu, embora muitas vezes escureçam; nem a achamos mais digna de espanto do que as crateras do Etna, cuja erupção faz subir das profundezas rochas e montanhas inteiras, e algumas vezes derramam rios daquele fogo espontâneo que vem das entranhas da terra. (trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas)</p> |
|--|--|

3.2. Homero (no Pseudo-Longino)

| | |
|---|--|
| <p>... τὸ ἐπ' οὐρανὸν ἀπὸ γῆς διάστημα: καὶ τουτ' ἂν εἴποι τις οὐ μᾶλλον τῆς Ἑριδος ἢ Ὀμήρου μέτρον. [5] ᾧ ἀνόμοιον γε τὸ Ἡσιόδειον ἐπὶ τῆς Ἀχλύος, εἶγε Ἡσιόδου καὶ τὴν Ἀσπίδα θετέον: τῆς ἐκ μὲν ῥινῶν μύζαι ῥέον: οὐ γὰρ δεινὸν ἐποίησε τὸ εἶδωλον, ἀλλὰ μισητόν. ὁ δὲ πῶς μεγαθύνη τὰ δαιμόνια; ὅσσον δ' ἠεροειδές ἀνὴρ ἴδεν ὀφθαλμοῖσιν, ἦμενος ἐν σκοπῆϊ, λεύσσω ἐπὶ οἴνοπα</p> | <p>Long.Subl.9.4-5 ... a distância que vai da terra ao céu. E poder-se-á dizer que essa medida é mais a de Homero do que a de Éris. *5. Bem diferente é o passo de Hesíodo acerca da Escuridão (se é que o <i>Escudo</i> pode ser atribuído a Hesíodo): “Das narinas escorre o muco”. O que ele constrói não é uma imagem terrífica mas repelente. E Homero, como é que ele engrandece a divindade? “Tal a distância de bruma”</p> |
|---|--|

| | |
|---|---|
| <p>πόντον: τόσσον ἐπιθράσκουσι θεῶν ὑψηλές ἵπποι. τὴν ὄρμην αὐτῶν κοσμικῶ διαστήματι καταμετρεῖ. τίς οὖν οὐκ ἂν εἰκότως διὰ τὴν ὑπερβολὴν τοῦ μεγέθους ἐπιφθέγγεται, ὅτι ἂν δις ἐξῆς ἐφορμήσωσιν οἱ τῶν θεῶν ἵπποι, οὐκέθ' εὐρήσουσιν ἐν κόσμῳ τόπον;</p> | <p>que abarcam os olhos de um homem / sentado na atalaia, olhando o mar cor de vinho, / assim era a que saltavam os divinos cavalos relinchantes.” [Il.5.770-772] O Poeta mede o salto dos cavalos pela extensão do universo. Quem, pois, perante esta hipóbole de grandeza, não diria com acerto que, se os cavalos divinos saltassem duas vezes seguidas, já não encontrariam lugar no mundo? (trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas)</p> |
|---|---|

* Trata-se da seguinte descrição:

| | |
|--|---|
| <p>ὄρσε δὲ τοὺς μὲν Ἄρης, τοὺς δὲ γλαυκῶπις Ἀθήνη 440 Δεῖμός τ' ἠδὲ Φόβος καὶ Ἔρις ἄμοτον μεμαυῖα, Ἄρεος ἀνδροφόνοιο κασιγνήτη ἐτάρη τε, ἣ τ' ὀλίγη μὲν πρῶτα κορύσσεται, αὐτὰρ ἔπειτα οὐρανῷ ἐστήριξε κάρη καὶ ἐπὶ χθονὶ βαίνει:</p> | <p>Hom.II.4.439-443 Aos Troianos incitava Ares; aos Aqueus, Atena de olhos esverdeados, assim como o Terror, o Medo e a Discórdia sempre furibunda, irmã e amiga de Ares matador de homens – ela que primeiro levanta um pouco a cabeça, mas depois fixa a cabeça no céu, enquanto caminha sobre a terra. (trad. Frederico Lourenço)</p> |
|--|---|

| | |
|---|--|
| <p>[6] ὑπερφυᾶ καὶ τὰ ἐπὶ τῆς θεομαχίας φαντάσματα: ἀμφὶ δ' ἐσάλπιγγεν μέγας οὐρανὸς Οὐλυμπός τε. ἔδδειςεν δ' ὑπένερθεν ἄναξ ἐνέρων Αἰδωνεύς, δείσας δ' ἐκ θρόνου ἄλτο καὶ ἴαχε, μὴ οἱ ἔπειτα γαῖαν ἀναρρήξειε Ποσειδάων ἐνοσίχθων, οἰκία δὲ θνητοῖσι καὶ ἀθανάτοισι φανείη, σμερδαλέ, εὐρώεντα, τὰ τε στυγέουσι θεοὶ περ. ἐπιβλέπει, ἐταῖρε, ὡς ἀναρρηγνυμένης μὲν ἐκ βάθρων γῆς, αὐτοῦ δὲ γυμνουμένου ταρτάρου, ἀνατροπὴν δὲ ὄλου καὶ διάστασιν τοῦ κόσμου λαμβάνοντος, ἀνθ' ἅμα, οὐρανὸς ἄδης, τὰ θνητὰ τὰ ἀθάνατα, ἅμα τῆ τότε συμπολεμεῖ καὶ συγκινδυνεύει μάχη; [7] ἀλλὰ ταῦτα φοβερὰ μὲν, πλὴν ἄλλως, εἰ μὴ κατ' ἀλληγορίαν λαμβάνοιτο, παντάπασιν ἄθεα καὶ οὐ σφίζοντα τὸ πρέπον. Ὅμηρος γάρ μοι δοκεῖ παραδιδούς τραύματα θεῶν στάσεις τιμωρίας δάκρυα δεσμὰ πάθη πάμφυρτα τοὺς μὲν ἐπὶ τῶν Ἰλιακῶν ἀνθρώπους, ὅσον ἐπὶ τῆ δυνάμει, θεοὺς πεποικέναι, τοὺς θεοὺς δὲ ἀνθρώπους. ἀλλ' ἡμῖν μὲν δυσδαιμονοῦσιν ἀπόκειται λιμὴν κακῶν ὁ θάνατος, τῶν θεῶν δ' οὐ τὴν φύσιν ἀλλὰ τὴν ἀτυχίαν ἐποίησεν αἰώνιον.</p> | <p>Long.Subl.9.6-7 6. Extraordinárias são também as imagens da <i>Teomaquia</i>: “Ao redor, ressoa o vasto céu e o Olimpo; / e nas profundezas estremeceu o senhor dos mortos, Edoneu. / Saltou do trono e gritou, receando que Poseidon, / o que abala a terra, voltasse a fender o solo, / mostrando a mortais e imortais a morada / terrível, bolorenta, que até os deuses odeiam.” [Il.21.338 c./c. 5.750 para o primeiro verso; depois, 20.61-65] Vês, meu amigo, como abalada a terra desde os seus alicerces, o próprio Tártaro desnudo e o universo inteiro em convulsão, todas as coisas a um tempo – céu e Hades, mortais e imortais – travam o mesmo combate, expondo-se aos mesmos perigos? 7. No entanto, todas estas coisas terríficas, se não forem tomadas como alegoria, são completamente ímpias e impróprias. Pois parece-me que Homero, atribuindo aos deuses ferimentos, conflitos, vinganças, lágrimas, grilhetas e toda a espécie de paixões se esforça por fazer dos homens que combateram em Tróia deuses e dos deuses homens. Mas, enquanto para os nossos sofrimentos a morte é um porto de abrigo, ao criar deuses eternos não foi a sua natureza que ele eternizou mas a sua infelicidade. (trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas)</p> |
|---|--|

| | |
|---|---|
| <p>[8] πολὺ δὲ τῶν περὶ τὴν θεομαχίαν ἀμείνω τὰ ὅσα ἄκρατον παρίστησιν, οἷα πολλοῖς δὲ πρὸ ἡμῶν ὁ τόπος ἐξείργασται τὰ ἐπὶ τοῦ Ποσειδάωνος, τρέμε δ' οὐρεα μακρὰ καὶ ὕλη καὶ κορυφαὶ Τρώων τε πόλις καὶ νῆες Ἀχαιῶν ποσσὶν ὑπ' ἀθανάτοισι Ποσειδάωνος ἰόντος. βῆ δ' ἐλάαν</p> | <p>Long.Subl.9.8 8. Porém, muito melhores do que os passos da Teomaquia são aqueles em que a divindade aparece como verdadeiramente imaculada, grandiosa e pura; como este, a respeito de Poseidon (passo que já outros trataram antes de mim): “... Tremiam as altas montanhas e as florestas, / os cumes, a cidade dos Troianos e as naus dos Aqueus /</p> |
|---|---|

| | |
|---|--|
| <p>ἐπὶ κύματ', ἄταλλε δὲ κήτῃ ἐπ' αὐτοῦ πάντοθεν ἐκ κευθμῶν, οὐδ' ἠγνοίησεν ἄνακτα. γηθοσύνη δὲ θάλασσα δίψτατο, τοὶ δὲ πέτοντο'.</p> | <p>sob os pés imortais de Poseidon em marcha. / Conduzia o carro sobre as ondas, e debaixo dele, de toda a parte, / saltavam os monstros marinhos, saindo dos esconderijos, / pois não desconheciam o seu senhor; De júbilo o mar se abria e eles voavam.” [Il.13.18, incompleto, para o primeiro verso; 20.60 para o segundo; 13.19 e 13.27-29 para os demais] (trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas)</p> |
|---|--|

| | |
|---|--|
| | Long.Subl.9.10-11 |
| <p>[10] οὐκ ὀκνηρὸς ἂν ἴσως, ἐταῖρε, δόξαιμι, ἐν ἔτι τοῦ ποιητοῦ καὶ τῶν ἀνθρωπίνων παραθέμενος τοῦ μαθεῖν χάριν, ὡς εἰς τὰ ἠρωϊκὰ μεγέθη συνεμβαίνειν ἐθίζει. ἀχλὺς ἄφνω καὶ νύξ ἄπορος αὐτῷ τὴν τῶν Ἑλλήνων ἐπέχει μάχην: ἔνθα δὴ ὁ Αἴας ἀμηχανῶν, Ζεῦ πάτερ, φησίν, ἀλλὰ σὺ ῥῦσαι ἐπ' ἡέρος υἱίας Ἀχαιῶν, ποίησον δ' αἶθρην, δὸς δ' ὀφθαλμοῖσιν ιδέσθαι: ἐν δὲ φάει καὶ ὄλεσσον. ἔστιν ὡς ἀληθῶς τὸ πάθος Αἴαντος, οὐ γὰρ ζῆν εὔχεται ἦν γὰρ τὸ αἶτημα τοῦ ἥρωος ταπεινότερον, ἀλλ' ἐπειδὴ ἐν ἀπράκτῳ σκότει τὴν ἀνδρίαν εἰς οὐδὲν γενναῖον εἶχε διαθέσθαι, διὰ ταῦτ' ἀγανακτῶν ὅτι πρὸς τὴν μάχην ἀργεῖ, φῶς ὅτι τάχιστα αἰτεῖται, ὡς πάντως τῆς ἀρετῆς εὐρήσων ἐντάφιον ἄξιον, κἂν αὐτῷ Ζεὺς ἀντιτάττηται. [11] ἀλλὰ γὰρ Ὅμηρος μὲν ἐνθάδε οὐριος συνεμπνεῖ τοῖς ἀγῶσιν, καὶ οὐκ ἄλλο τι αὐτὸς πέπονθεν ἢ μαίνεται, ὡς ὅτ' Ἄρης ἐγγέσπαλος ἢ ὄλοδον πῦρ οὔρεσι μαίνεται, βαθέης ἐνὶ τάρφεσιν ὕλης, ἀφλοισμὸς δὲ περὶ στόμα γίνεται: δείκνυσι δ' ὅμως διὰ τῆς Ὀδυσσεΐας ἵκαί γὰρ ταῦτα πολλῶν ἔνεκα προσεπιθεωρητέον, ὅτι μεγάλης φύσεως ὑποφερομένης ἦδη ἰδιὸν ἔστιν ἐν γήρα τὸ φιλόμυθον.</p> | <p>10. Espero não te parecer enfadonho, meu amigo, se aduzir mais um exemplo do Poeta, agora a respeito do mundo dos homens, para mostrar como ele costuma abordar a grandeza dos heróis. De súbito surge a névoa e uma densa escuridão suspende o combate dos Helenos. Então, Ajax, sem nada poder fazer, diz: “Zeus pai, tira da bruma os filhos dos Helenos, / torna claro o ar, dá visão aos olhos, / destrói-nos, mas à luz do dia.” [Il.17.645-647] Este é que é o verdadeiro sentimento de um Ajax: não pede a vida – prece ignóbil para um herói – mas como, na treva inibidora, não tem como orientar a sua coragem para algo nobre, revolta-se por não poder ir à luta e pede que a luz venha depressa, para lhe ser possível ir ao encontro de um túmulo digno da sua valentia, ainda que seja Zeus o seu opositor. 11. Mas se na <i>Iliada</i> Homero respira o ar dos combates e ele mesmo experimenta nada menos do que aquilo que descreve: “Enlouquece como Ares brandindo a lança ou como, nas montanhas / e nas profundezas de uma densa floresta, alastra o fogo enlouquecido; / e a espuma surge à volta da sua boca.” [Il.15.605-707] Já na <i>Odisseia</i> (que por várias razões também deve ser analisada) ele mostra que o gosto pela narrativa é próprio de uma natureza genial quando começa a entrar em declínio, na velhice. (trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas)</p> |

| | |
|---|---|
| | Long.Subl.10.3-6 |
| <p>[...] πάντα μὲν τοιαῦτα γίνεται περὶ τοὺς ἐρῶντας, ἢ λῆψις δ' ὡς ἔφην τῶν ἄκρων καὶ ἢ εἰς ταῦτ' συναίρεσις ἀπειργάσατο τὴν ἐξοχήν: ὄνπερ οἶμαι καὶ ἐπὶ τῶν χειμῶνων τρόπον ὁ ποιητὴς ἐκλαμβάνει [p. 72] τῶν παρακολουθούντων τὰ χαλεπώτατα. [4] ὁ μὲν γὰρ τὰ Ἀριμάσπεια ποιήσας ἐκεῖνα οἶεται δεινά: θαυμ' ἡμῖν καὶ τοῦτο μέγα φρεσὶν ἡμετέρησιν. ἄνδρες ὕδωρ ναίουσιν ἀπὸ χθονὸς ἐν πελάγεσσι: δύστηνοὶ τινές εἰσιν, ἔχουσι γὰρ ἔργα πονηρά, ὄμματ' ἐν ἄστροισι, ψυχὴν δ' ἐνὶ πόντῳ ἔχουσιν. ἦ που πολλὰ θεοῖσι φίλας ἀνὰ χεῖρας ἔχοντες εὔχονται σπλάγγνοισι κακῶς ἀναβαλλομένοισι. παντὶ οἶμαι δῆλον, ὡς πλεον ἄνθος ἔχει τὰ λεγόμενα ἢ δέος. [5] ὁ δὲ Ὅμηρος πῶς; ἐν γὰρ ἀπὸ πολλῶν λεγέσθω: ἐν δ' ἔπεσ', ὡς ὅτε κύμα θεῶν ἐν νηὶ πέσῃσι λάβρον ὑπαί νεφέων ἀνεμοτρεφές, ἢ δέ τε πᾶσα ἄχνη ὑπεκρύφθη, ἀνέμοιο δὲ δεινὸς ἀήτης ἰστίῳ ἐμβρέμεται, τρομέουσι δέ τε φρένα ναῦται δειδιότες: τυτθὸν γὰρ ὑπέκ θανάτοιο φέρονται. [6] ἐπεχείρησε καὶ ὁ Ἄρατος τὸ αὐτὸ τοῦτο</p> | <p>Tudo isto acontece a quem ama mas, como dizia, foi a escolha dos elementos mais extremos e a sua ligação numa unidade que alcançou a excelência. É precisamente isto, julgo eu, que faz o Poeta na descrição de tempestades: daquilo que lhes é próprio, escolhe os aspectos mais terríveis. 4. Já o autor da <i>Arimaspeia</i> julga que os seguintes versos causam terror: “Grande maravilha é esta para nós e para o nosso espírito. / Homens habitam as águas no mar alto, longe da terra; / desventurados são, pois grandes penas sofrem, / com os olhos nos astros e a alma no mar; / e quantas vezes, de mãos erguidas, fazem preces / aos deuses com as entranhas revoltas.” Mas para qualquer um é evidente, creio eu, que estas palavras têm mais encanto que pavor. Como faz Homero? Refira-se apenas um exemplo entre muitos: “Sobre eles se abateu, como quando uma onda impetuosa, / alimentada pelo vento, das nuvens se abate sobre a nau veloz, / e toda ela se cobre de espuma, e as</p> |

| | |
|--|---|
| <p>μετενεγκεῖν, ὀλίγον δὲ διὰ ξύλον ἄϊδ' ἐρύκει: πλὴν μικρὸν αὐτὸ καὶ γλαφυρὸν ἐποίησεν ἀντὶ φοβεροῦ: ἔτι δὲ παρῴρισε τὸν κίνδυνον, εἰπὼν, 'ξύλον ἄϊδ' ἀπείργει.' οὐκοῦν ἀπείργει. ὁ δὲ ποιητὴς οὐκ εἰς ἅπαξ παρορίζει τὸ δεινόν, ἀλλὰ τοὺς ἀεὶ καὶ μόνον οὐχὶ κατὰ πᾶν κύμα πολλάκις ἀπολλυμένους εἰκονογραφεῖ. [...]</p> | <p>rajadas do vento, medonhas, / rugem nas velas, e os marinheiros tremem de medo / nos seus corações, pois a custo são trazidos do fundo da morte.” [Il.15.624-628] 6. Arato também tentou exprimir esta última ideia: “Um pequeno lenho detém o Hades” [Ar.Phain.299], mas fê-la apenas breve e graciosa, em vez de terrível. Além disso, ao dizer que <i>um lenho detém o Hades</i> pôs limites ao perigo, pois o lenho é uma barreira à morte. O Poeta, pelo contrário, não limita o terror a uma só vez, mas desenha imagens de homens que continuamente e quase a cada onda estão muitas vezes prestes a morrer. (trad. Marta Isabel de Oliveira Várzeas)</p> |
|--|---|

3.3. Empédocles de Agrigento (c. 490 – c. 430 a.C.)

3.3.1. Purificações

| | |
|--|---|
| <p>1 ὦ φίλοι οἱ μέγα ἄστυ κάτα ξανθοῦ Ἀκράγαντος 2 ναίειτ' ἄν' ἄκρα πόλεος ἀγαθῶν μελεδήμονες ἔργων 3 ξείνων αἰοδοῖοι λιμένες, κακότητος ἄπειροι, 4 χαίρειτ' ἐγὼ δ' ὑμῖν θεὸς ἄμβροτος οὐκέτι θνητός 5 πολεῦμαι μετὰ πᾶσι τετιμένος ὥσπερ ἔοικα 6 ταινίαις τε περίστεπτος στέφεσίν τε θαλείοις 7 πᾶσι δ' ἄμ' εὐτ' ἂν ἴκωμαι ἐς ἄστυα τηλεθάοντα 8 ἀνδράσιν ἠδὲ γυναιξὶ σεβίζομαι οἱ δ' ἄμ' ἔπονται 9 μυρίοι ἐξερέοντες ὄπη πρὸς κέρδος ἀταρπός 10 οἱ μὲν μαντοσυνέων κεχρημένοι οἱ δ' ἐπὶ νούσων 11 παντοίων ἐπίθοντο κλύειν εὐηκέα βάζιν 12 δηρὸν δὴ χαλεπήσι πεπαρμένοι [ἀμπ' ὀδύνῃσιν.]</p> | <p>4LM (= 12DK) Amigos, que a grande cidade na borda do louro Acragas habitais, na parte alta, em boas obras ocupados, abrigos veneráveis, a estrangeiros ignorantes, de maldade alegrai-vos; eu para vós um deus imortal, não mais mortal caminho entre todos cumulado de honras, como é minha imagem, de fitas coroadas e de guirlandas floridas. Quando com estas venho às cidades florescentes, por homens e mulheres sou venerado; e eles me seguem, milhares a se informar por onde é o caminho ao lucro, alguns carecendo de oráculos, e outros com doenças de toda espécie consultam para ouvir palavra de cura, longamente traspassados de pesadas dores. (trad. José Cavalcante de Souza)</p> |
|--|---|

| | |
|--|---|
| <p>1 εἰ γὰρ ἐφημερίων ἔνεκέν τινος Ἄμβροτε Μοῦσα 2 ἡμετέρας μελέτας [ἄδε τοι] δια φροντίδος ἐλθεῖν 3 εὐξομένῳ νῦν αὖτε παρίστασο Καλλιόπεια 4 ἀμφὶ θεῶν μακάρων ἀγαθὸν λόγον ἐμφαίνοντι.</p> | <p>7LM (= 131DK) Pois se por um dos seres efêmeros, imortal Musa, nosso empenho te empenhaste em que por senso fosse, ao que agora suplica de novo assiste, Calíope, que sobre deuses venturosos bom discurso à luz expõe. (trad. José Cavalcante de Souza)</p> |
|--|---|

3.3.2. Sobre a natureza

| | |
|--|---|
| <p>1 ἀλλὰ θεοὶ τῶν μὲν μανίην ἀποτρέψατε γλώσσης 2 ἐκ δ' ὀσίων στομάτων καθαρὴν ὀχετεύσατε πηγῆν 3 καὶ σέ πολυμνήστη λευκώλωνε παρθένε Μοῦσα 4 ἄντομαι ὧν θέμις ἐστὶν ἐφημερίοισιν ἀκούειν 5 πέμπε παρ' εὐσεβίης ἐλάουσ' εὐήνιον ἄρμα 6 μηδέ σέ γ' εὐδόξιο βήσεται ἄνθεα τιμῆς</p> | <p>44LM (= 3DK; 14B) Mas vós, deuses, a loucura destas (coisas) afastai-me da língua e de santificados lábios deixai correr pura fonte. E a ti, de muita memória, de alvos braços, ó virgem Musa, eu te peço, do que é lícito a efêmeros ouvir envia, do reino de Piedade trazendo, o dócil carro. Nem te será forçado flores de bem acolhida honra</p> |
|--|---|

| | |
|--|---|
| <p>7 πρὸς θνητῶν ἀνελέσθαι εἰρ' ὧ θ' ὀσίης πλέον εἰπεῖν 8 [θάρσει καὶ τότε δὴ σοφίης ἐπ' ἄκροισι θαοάζειν] 9 ἀλλ' ἄγ' ἄθρει πάση παλάμη πῆ δῆλον ἕκαστον 10 μήτε τιν' ὄψιν ἔκων πιστὴν πλέον ἢ κατ' ἀκοιῆν 11 ἢ ἀκοιὴν ἐρίδουπον ὑπὲρ τρανώματα γλώσσης 12 μήτε τι τῶν ἄλλων, ὀπόση πόρος ἐστι νοῆσαι 13 γυῖον πίστιν ἔρυκε, νόει δ' ἢ δῆλον ἕκαστον</p> | <p>de mortais receber, e além da santa (ordem?) falar com audácia – e então nos cimos do saber toca assento. Mas vai, atenta com todo manejo por onde (é) clara cada (coisa); nem tendo alguma vista confia mais que por ouvido; ou no ouvir ressoante mais que no claro gosto da língua; nem dos outros membros, por onde (é) caminho ao pensar, retira a confiança, mas pensa por onde (é) clara cada (coisa). (trad. José Cavalcante de Souza)</p> |
|--|---|

| | |
|--|--|
| <p>1 ἀλλ' ἄγε τόνδ' ὁάρων προτέρων ἐπιμάρτυρα δέρκευ 2 εἴ τι καὶ προτέροισι λιπόζυλον ἔπλετο μορφῆ 3 ἠέλιον μὲν λαμπρὸν ὄραν καὶ θερμὸν ἀπάντη 4 ἄμβροτα δ' ὅσσ' [εἶδει τε καὶ] ἀργέτι δεύεται ἀυγῆ. 5 ὄμβρον δ' ἐν πᾶσι δνοφόνέα τε ριγαλέον τε 6 ἐκ δ' αἴθης προρέουσι θελυμνά τε καὶ στερεωπά 7 ἐν δὲ κότῳ διάμορφα καὶ ἀνδιχα πάντα πέλονται 8 σὺν δ' ἔβη ἐν φιλότῃ καὶ ἀλλήλοισι ποθεῖται. 9 ἐξ ὧν πάνθ' ὅσα τ' ἦν ὅσα τ' ἐσθ' ὅσα τ' ἔσσει' ὀπίσω 10 δένδρεα τ' ἐβλάστησε καὶ ἀνέρες ἠδὲ γυναῖκες 11 θῆρες τ' οἰωνοὶ τε καὶ ὕδατοθρέμμονες ἰχθυῶς 12 καὶ τε θεοὶ δολιχαίωνες τιμῆσι φέριστοι 13 αὐτὰ γὰρ ἔστιν ταῦτα δι' ἀλλήλων δὲ θέοντα 14 γίγνεται ἀλλοιωπά τὰ γὰρ διὰ κρήσις ἀμείβει</p> | <p>77LM (= 21DK; 63B) Vai, isto como prova de anteriores colóquios contempla, se é que nos anteriores havia algum resíduo sem forma; sol luminoso para ver e quente em toda parte, e imortais quantas (coisas) se banham em sua forma e brilho, e chuva em todas (as coisas) nevoenta e friorenta; e de terra prorrompem (coisas) firmes e sólidas. Em ódio diferidas de forma e à parte todas volvem, mas convergem na amizade e umas às outras se desejam. Pois destes (são) todas (as coisas), quantas eram, são e serão, e árvores germinaram, e também homens e mulheres, e feras e pássaros e peixes que se criam n'água, e mesmo deuses de longa vida em honra supremos. Pois estes são eles mesmos, e correndo uns pelos outros tomam-se de outra espécie; tanto por mistura se permutam. (trad. José Cavalcante de Souza)</p> |
|--|--|

| | |
|---|--|
| <p>1 ὡς δ' ὀπότεν γραφέες ἀναθήματα ποικύλωσιν 2 ἀνέρες ἀμφὶ τέχνης ὑπὸ μήτιος εὖ δεδαῶτε 3 οἱ τ' ἐπεὶ μάρψωσι πολύχροα φάρμακα χερσίν 4 ἀρμονίη μίξαντε τὰ μὲν πλέω ἄλλα δ' ἐλάσσω 5 ἐκ τῶν εἶδεα πᾶσιν ἀλίγκια πορσύνουσι 6 δένδρεά τε κτίζοντε καὶ ἀνέρας ἠδὲ γυναῖκας 7 θῆρας τ' οἰωνούς τε καὶ ὕδατοθρέμονας ἰχθυῶς 8 καὶ τε θεοὺς δολιχαίωνας τιμῆσι φερίστους 9 οὕτω μὴ σ' ἀπάτη φρένα καινύτω ἄλλοθεν εἶναι 10 θνητῶν ὅσσα γε δῆλα γεγᾶσιν ἀάσπετα πηγῆν 11 ἀλλὰ τορῶς ταῦτ' ἴσθι θεοῦ πάρα μῦθον ἀκοῦσας</p> | <p>60LM (= 23DK; 64B) Como quando pintores quadros votivos pintam coloridos, homens em arte bem entendidos por seu talento, os quais quando tomam em mãos pigmentos multicores, em harmonia tendo misturado uns mais e outros menos, deles formas a todas (as coisas) semelhantes produzem, árvores estatuindo e também homens e mulheres, e feras e pássaros e peixes que se criam n'água, e mesmo deuses de longa vida e em honra supremos; assim não te vença engano (com) o senso de que outra é de mortais (coisas) a fonte, quantas infinitas se mostrarem, mas claramente sabe isto, de um deus (o) mito tendo ouvido. (trad. José Cavalcante de Souza)</p> |
|---|--|

| | |
|---|--|
| <p>1 ἄρθμια μὲν γὰρ ταῦτα ἑαυτῶν πάντα μέρεσσι 2 ἠλέκτωρ τε χθών τε καὶ οὐρανὸς ἠδὲ θάλασσα</p> | <p>101LM (= 22DK; 231B) Articulados são estes, todos eles com suas partes, radiante sol e terra, e também céu e mar,</p> |
|---|--|

| | |
|---|--|
| <p>3 ὅσσα φιν ἐν θνητοῖσιν ἀποπλαγχθέντα πέφυκεν 4 ὡς δ' αὐτῶς ὅσσα κρῆσιν ἐπαρκέα μᾶλλον ἔασιν 5 ἀλλήλοισ ἔστερκται ὁμοιωθέντ' Ἀφροδίτη 6 ἐχθρὰ πλεῖστον ἀπ' ἀλλήλων διέχουσι μάλιστα 7 γέννη τε κρήσει τε και εἶδεσιν ἐκμάκτοισι 8 πάντη συγγίγνεσθαι ἀήθεα καὶ μάλα λυγρά 9 [νεικεογεννητῆσι ὅτι σφισι γένναι ἐν ὀργῇ]</p> | <p>quantas deles em mortais (coisas) desgarradas existem. E assim mesmo quantas em mistura melhor se correspondem, umas às outras se amam, semelhantes por Afrodite. Hostis e mais das vezes umas das outras mais se distanciavam em origem, mistura e formas impressas em cada, de todo em conviver insólitas e muito lúgubres por conselhos de Ódio, que lhes forjou a geração. (trad. José Cavalcante de Souza)</p> |
|---|--|

| | |
|---|---|
| | 113LM (= 39DK; 240B) |
| <p>1 εἶπερ ἀπείρονα γῆς τε βάθη καὶ δαφυλὸς αἰθήρ 2 ὡς διὰ πολλῶν δὴ γλώσσης ἐλθόντα ματαίως 3 ἐκκέχεται στομάτων, ὀλίγον τοῦ παντὸς ἰδόντων.</p> | <p>Se infinitos (fossem) profundezas de terra e abundante éter como, por língua de muitos vindo inutilmente, se espalhou de bocas (dos) que pouco viram do todo... (trad. José Cavalcante de Souza)</p> |

| | |
|---|--|
| | 137LM (= 46DK; 371B) |
| <p>[...] τῆς δὲ γῆς τρόπον τινὰ ψαύει καὶ περιφερομένη πλησίον ἄρματος ὡσπερ ἵχνος ἀνελίσσεται φησὶν Ἐμπεδοκλῆς ἦ τε [περὶ ἄκραν]</p> | <p>Ela [a Lua] toca a terra em um certo sentido e gira perto dela: Como de um carro o meão gira, diz Empédocles, o qual pelo extremo... (trad. José Cavalcante de Souza, modificada)</p> |

| | |
|--|--|
| | 201LM (= 100DK; 551B) |
| <p>1 ὧδε δ' ἀναπνεῖ πάντα καὶ ἐκπνεῖ πᾶσι λίκραιμοι 2 σαρκῶν σύριγγες πύματον κατὰ σῶμα τέτανται 3 καὶ σφιν ἐπὶ στομίοις πυκναῖς τέτρηνται ἄλλοξιν 4 ῥίνῶν ἔσχατα τέρθηρα διαμπερές ὥστε φόνον μὲν 5 κεύθειν αἰθέρι δ' εὐπορίην διόδοισι τετμήσθαι 6 ἔνθεν ἔπειθ' ὁπότεν μὲν ἀπαΐξῃ τέρεν αἷμα 7 αἰθὴρ παφλάζων καταΐσσειται οἴδματι μάργω 8 εὔτε δ' ἀναθρόσκη πάλιν ἐκνέει ὡσπερ ὅταν παῖς 9 κλεψύδρη παίζουσα διειπετέος χαλκοῖο 10 εὔτε μὲν αὐλοῦ πορθμὸν ἐπ' εὐειδεῖ χερὶ θεῖσα 11 εἰς ὕδατος βάπτῃσι τέρεν δέμας ἀργυφέοιο 12 οὐδεὶς ἄγγοσδ' ὄμβρος ἐσέρχεται, ἀλλά μιν εἴργει 13 ἀέρος ὄγκος ἔσωθε πεσῶν ἐπὶ τρήματα πυκνά 14 εἰσόκ' ἀποστεγάσῃ πυκινὸν ῥόον, αὐτὰρ ἔπειτα 15 πνεύματος ἐλλείποντος ἐσέρχεται αἴσιμον ὕδωρ 16 ὡς δ' αὐτῶς ὅθ' ὕδωρ μὲν ἔχει κατὰ βένθεα χαλκοῦ 17 πορθμοῦ χωσθέντος βροτέω χροὶ ἠδὲ πόροιο 18 αἰθὴρ δ' ἐκτός ἔσω λελημένος ὄμβρον ἐρύκει 19 ἀμφὶ πύλας ἠθμοῖο δυσηχέος ἄκρα κρατύνων 20 εἰσόκε χερὶ μετῆ τότε δ' αὖ πάλιν ἔμπαλιν ἢ πρίν</p> | <p>E assim todos inalam e exalam: em todos há, sem sangue, canais de carne à superfície do corpo estendidos, e sobre os bocais destes com muitos poros está perfurada a extrema superfície da pele, de modo que o sangue contém-se, mas ao éter fácil passagem através dele se abre. Daí então quando sai precipitado o fino sangue o éter borbulhante precipita-se em onda impetuosa, mas quando remonta, de novo exala-se ar, como uma criança com clepsidra brincando, de reluzente bronze: quando, o bocal do gargalo sobre a mão bonita pondo, no mole corpo ela mergulha da água prateada, nenhum líquido no vaso penetra, mas o impede a massa de ar, de dentro caindo sobre os muitos orifícios, até que ela destampa o fluxo comprimido; e em seguida, desde que o ar cedeu, penetra em parte igual a água. Assim também quando água ocupa o bojo do vaso de bronze, e é fechado o bocal por mão humana, e então a passagem, o éter de fora, dentro querendo passar, retém o líquido nas portas do gargalo estridente forçando os extremos, até que ela deixa com a mão, e aí de novo, ao contrário de antes,</p> |

| | |
|--|--|
| <p>21 πνεύματος ἐμπίπτοντος ὑπεκθέει αἴσιμον ὕδωρ 22 ὡς δ' αὐτως τέρεν αἶμα κλαδασσόνενον διὰ γυίων 23 ὀπότε μὲν παλινόρσον ἐκπνεῖ μυχόνδε 24 αἰθέρος εὐθύς ῥεῦμα κατέρχεται οἴδματι θῦον, 25 εὔτε δ' ἀναθρόσκη, πάλιν ἐκπνεῖ ἴσον ὀπίσσω.</p> | <p>enquanto ar invade retira-se em parte igual a água. Assim também o fino sangue agitando-se pelos ombros, quando refluindo sai precipitado para dentro, logo uma corrente de éter introduz-se em onda se lançando, mas quando remonta, de novo exala-se ar igual ao de antes. (trad. José Cavalcante de Souza)</p> |
|--|--|

| | |
|--|--|
| | 215LM (= 84DK; 115B) |
| <p>1 ὡς δ' ὅτε τις πρόδοδον νοέων ὠπλίσσατο λύχνον 2 χειμερίην διὰ νύκτα, πυρὸς σέλας αἰθομένοιο 3 ἄγας παντοίων ἀνέμων λαμπτήρας ἀμοργούς 4 οἷ τ' ἀνέμων μὲν πνεῦμα διασκιδνᾶσιν ἀέντων 5 φῶς δ' ἔξω διαθρῶσκον ὅσον ταναώτερον ἦεν 6 λάμπεσκεν κατὰ βηλὸν ἀτειρέσιν ἀκτίνεσιν 7 ὡς δὲ τότ' ἐν μήνιζιν ἐεργμένον ὠγύγιον πῦρ 8 λεπτήσιν [τ'] ὀθόνησι λοχεύσατο κύκλοπα κούρην 9 αἰ δ' ὕδατος μὲν βένθος ἀπέστεγον ἀμφινάοντος 10 πῦρ δ' ἔξω δῖεσκον ὅσον ταναώτερον ἦεν</p> | <p>Como quando um pensando em sair apronta uma lanterna, por tormentosa noite flama de fogo brilhante, dispondo contra os ventos todos transparentes placas, e estas o sopro dos ventos impelidos dispersam, mas a luz atravessando fora, quanto mais sutil é, rebrilha na soleira com infatigáveis raios; assim então em membranas retido primitivo fogo em finos tecidos emboscava-se, menina em redoma: Estas contiveram a água profunda que fluía em redor, mas consentiram que para fora passasse o fogo mais sutil. (trad. José Cavalcante de Souza, modificada)</p> |

| | |
|--|--|
| | 257LM (= 110DK; 699B + 578B) |
| <p>1 εἰ γὰρ καὶ [ἐν] σφ' ἀδινῆσιν ὑπὸ πραπίδεσσιν ἐρείσας 2 εὐμενέως καθαρῆσιν ἐποπτεύσεις μελέτησιν 3 ταῦτά τέ σοί μάλα δι' αἰῶνος παρέσσονται 4 ἄλλα τε πόλλ' ἀπὸ τῶνδε κτ[ήσε]αι αὐτὰ γὰρ αὔξει 5 ταυτ' εἰς ἦθος ἕκαστον ὅπη φύσις ἐστὶν ἐκάστω 6 εἰ δε σὺ γ' ἄλλοίων ἐπορέξεαι οἷα κατ' ἄνδρας 7 μυρία δεῖλα πέλονται τά τ' ἀμβλύνοσσι μερίμνας 8 ἦ σ' ἄφαρ ἐκλείψουσι περιπλομένοιο χρόνοιο 9 σφῶν αὐτῶν ποθέοντα φίλην ἐπὶ γένναν ἰκέσθαι 10 πάντα γὰρ ἴσθι φρόνησιν ἔχειν καὶ νόματος αἴσαν</p> | <p>Pois se, sob entranhas cerradas tendo-as firmado, bem disposto as contemplares com puros cuidados, estas (coisas) serão todas para ti pela vida presentes, e outras muitas a partir delas terás; pois de si mesmas crescem estas, cada uma ao (seu) modo, por onde é natureza de cada. Mas se a (coisas) alheias aspirares, quais entre os homens aos milhares se encontram, misérias que embotam seus cuidados, bem logo elas te deixarão revolvendo-se o tempo, à sua própria antiga origem desejando voltar; pois todas, sabe, têm consciência e de pensamento partilham. (trad. José Cavalcante de Souza)</p> |